

APRESENTAÇÃO

“ O Relatório anual do Banco Central de Timor-Leste (BCTL) sintetiza e apresenta a evolução económica nacional e internacional em 2016, assim como o conjunto de actividades desenvolvidas pelo BCTL ao longo do ano.



A Lei Orgânica do Banco Central estabelece e enquadra os deveres de reporte anual do Banco Central face ao Presidente da República, Parlamento Nacional, Primeiro Ministro e ao Ministro das Finanças. O relatório é composto por duas grandes secções, designadamente, a análise do panorama económico nacional e internacional e a apresentação do relatório de actividades do Banco, incluindo também a informação financeira relevante.

O Relatório anual do Banco Central de Timor-Leste (BCTL) sintetiza e apresenta a evolução económica nacional e internacional em 2016, assim como o conjunto de actividades desenvolvidas pelo BCTL ao longo do ano. A Lei Orgânica do Banco Central estabelece e enquadra os deveres de reporte anual do Banco Central face ao Presidente da República, Parlamento Nacional, Primeiro Ministro e ao Ministro das Finanças. O relatório é composto por duas grandes secções, designadamente, a análise do panorama económico nacional e internacional e a apresentação do relatório de actividades do Banco, incluindo também a informação financeira relevante.

Em 2016, a economia mundial registou um aceleração em termos de crescimento (3.6%), face aos níveis médios registados nos últimos 3 anos, prolongando a recuperação económica da crise financeira mundial de 2008-2009. O ritmo de crescimento das economias mais desenvolvidas manteve-se sólido em 2016, acima de 2%, enquanto que a aceleração do crescimento das economias menos desenvolvidas (4.5% em 2016) explicou a maior parte do aceleração do crescimento mundial. Em termos de regiões, a Ásia continuou a liderar em termos de crescimento (6.3%) e a América Latina a região que menos cresceu em 2016 (2.3%), apesar de esta última ter registado uma recuperação assinalável face a 2015. O crescimento para o conjunto das 5 maiores economias da ASEAN acelerou

para 5.3%, o que representa o ritmo de crescimento mais forte para a região desde 2013. A América Latina recuperou substancialmente da queda verificada em 2015 (0%), beneficiando da recuperação dos preços internacionais das principais commodities mundiais face a 2015.

Para 2017 e 2018, o FMI prevê uma nova aceleração da economia mundial, sustentada pelo dinamismo do crescimento no bloco emergente e manutenção de um crescimento acima de 2% nos países mais desenvolvidos. Para os mesmos anos, o FMI prevê uma aceleração dos níveis de crescimento na América Latina e ASEAN, com as restantes regiões a manterem ritmos de expansão robustos. Em 2016 assistiu-se a uma ligeira aceleração das taxas de inflação nas principais economias mundiais, com particular destaque para os EUA e UE, cuja taxas médias anuais de inflação subiram para cerca de 1%, face aos valores nulos (0%) registados em 2015.

Em termos dos mercados financeiros internacionais, as taxas de juro a 2 anos, mais sensíveis a alterações de política monetária continuaram a exibir em 2016 uma clara divergência das políticas entre as 3 maiores economias mundiais, com os mercados a incorporarem gradualmente, em 2016, o impacto da subida de taxas de política nos EUA, prosseguida em 2016, e a implementação de taxas directoras negativas na União Europeia e Japão. No que se refere às taxas de juro a 10 anos, também se observou o mesmo tipo de divergência, com as taxas nos EUA a 10 anos a subirem ligeiramente em 2016, face à continuada descida das taxas com esta maturidade na Europa e Japão. Em ambos os 2 e 10 anos, as taxas de juro norte-americanas subiram e mantiveram-se em níveis bastante superiores aos verificados na zona-euro e Japão, em resultado da melhor performance da economia dos EUA nos últimos anos, que acabou por justificar a continuação da subida de taxas pelo FED em 2016. Naturalmente, a evolução dos mercados obrigacionistas,

Mensagem do GOVERNADOR

em conjunto com os desenvolvimentos económicos já analisados, determinaram também grande parte dos desenvolvimentos registados nos principais mercados cambiais e accionistas mundiais. A continuada divergência das orientações de política monetária entre os EUA e a U.E. ajudaram a justificar a continuada apreciação do dólar norte-americano face ao euro em 2016.

No espaço económico Asiático, os níveis de crescimento mantiveram-se robustos na região em 2016, com a taxa média de crescimento a rondar os 4.5%, sendo, contudo, de destacar a desaceleração do crescimento na China e Tailândia. No que se refere à inflação, em média, a região registou taxas da ordem dos 1.6%, sendo de destacar que a economia Indonésia continuou a manter um elevado nível de inflação, mas bastante menor do que em 2015, em grande parte, fruto da desvalorização histórica da rupia face ao dólar. A manutenção do dinamismo económico na região em 2016, em conjunto com a depreciação das moedas regionais face ao dólar, mas a um ritmo menor do que em 2015, continua a explicar a continuada moderação do nível de inflação regional, quando medido em dólares norte-americanos.

Em termos da economia nacional, não obstante a manutenção de taxas de crescimento positivas entre 2014 e 2016, tendo por base os dados do indicador de actividade económica do BCTL, a economia doméstica deve ter continuado a registar um abrandamento substancial face aos ritmos de expansão verificados entre 2008 e 2011 (com taxas médias de 11% ano). Se bem que parte desta desaceleração tenha resultado do abrandamento do ritmo de aumento da Despesa Pública, resultando positivamente na estabilização das pressões inflacionistas domésticas, a evolução económica dos últimos 4 anos revela também que a nossa economia continua altamente dependente das políticas e programas de despesa pública, continuando a adiar-se a concretização de um processo de desenvolvimento e de investimento liderado pelo sector privado.

Durante o ano de 2016, a taxa de inflação doméstica, calculada com base no índice de preços ao consumidor (IPC) pela DGE, manteve-se sempre negativa, com excepção de Dezembro. Em termos de médias anuais, os dados do IPC de Díli revelam que a taxa de inflação anual se manteve em 0,4% e -1,6%, em 2015 e 2016, respectivamente. O abrandamento significativo da inflação em 2016, que perpetuou a tendência registada desde 2014, continuou a dever-se, maioritariamente, à descida substancial da inflação externa nos últimos anos face à média da última década, decorrente da apreciação do dólar face às moedas dos parceiros económicos de Timor Leste e da descida substancial dos preços internacionais das “commodities”. A depreciação das divisas regionais resultou, assim, na diminuição do preço dos bens e serviços importados dos principais parceiros comerciais do nosso país. Este efeito foi ainda reforçado pelo abrandamento do ritmo de crescimento económico doméstico nos últimos anos, quando comparado com os substanciais níveis de crescimento verificados entre 2008 e 2013.

Em termos orçamentais, o Sector Público continua a registar um elevado défice orçamental, com as receitas não petrolíferas a financiarem apenas uma parte reduzida do total da despesa pública realizada. Esta tendência, que se deverá continuar a manter nos próximos anos, tendo em conta as previsões do OGE de 2017, resulta, sobretudo, da política de “front loading” do investimento público alocado a projectos específicos de grande envergadura, mas também do aumento da despesa pública corrente.

No quadro externo, a redução substancial das receitas petrolíferas em 2016, resultado da descida nos níveis de produção petrolífera no mar de Timor e do preço internacional do petróleo, resultaram numa substancial deterioração da posição externa do nosso país. Os dados provisórios relativos a transacções comerciais entre Timor-Leste e os seus parceiros em 2016, permitiram-nos apurar um défice corrente de 697.3 milhões de USD (incluindo as receitas petrolíferas), ou cerca de 54,4% do PIB não petrolífero. Este saldo representa um agravamento do défice em 392%,

ou de 936 milhões de USD relativamente a 2015. A persistente redução do rendimento dos recursos explorados no Mar de Timor (impostos e royalties) e a manutenção dos elevados níveis de importações de bens e serviços são os determinantes principais da deterioração de défice da conta corrente da balança de pagamento de Timor-Leste ao longo dos últimos anos. Contudo, de uma forma negativa, a conta corrente (incluindo as receitas petrolíferas) registou o seu primeiro défice externo global em 2016.

Em termos da actividade anual do BCTL, o Banco continua activamente empenhado em promover a estabilidade monetária e financeira, tendo desenvolvido iniciativas particularmente relevantes neste contexto. Uma das principais actividades desenvolvidas pelo BCTL durante o período foi na continuação da implementação do Plano Diretor para o Sector Financeiro em Timor-Leste, materializado na organização de um programa de treinamento de literacia financeira, que abrangeu várias escolas primárias e que contou com a participação de 14 professores de 12 municípios, incluindo Ainaro, Aileu, Baucau, Bobonaro, Díli, Ermera, Lautem, Liquiça, Manatuto, Manufahi, Viqueque e Oé-Cusse Ambeno, de 7 a 11 de Março de 2016. No âmbito da celebração do dia nacional de poupança, o BCTL organizou diversas actividades e competições antes do evento, entre os dias 4 e 7 de outubro de 2016, com o tema “poupa agora para um futuro melhor”, envolvendo todas as escolas primárias do Município de Liquiça. A celebração do segundo aniversário do dia nacional de poupança, no Município de Liquiça a 29 de Novembro de 2016, contou com a participação de cerca de 1.200 pessoas, incluindo alunos e professores de Escolas Primárias de 3 submunicípios de Liquiça, designadamente Liquiçá, Maubara e Bazartete.

O Banco Central continuou a actuar de uma forma consistente, a suportar o desenvolvimento do sistema nacional de pagamentos, a manter sempre uma reserva de liquidez suficiente para atender às necessidades de pagamentos pecuniários e assegurar o pleno funcionamento das transacções interbancárias


através do sistema automático nacional de “câmara de compensação” e do Sistema de Liquidação Bruta em Tempo Real (RTGS) – o R-Timor (inaugurado em 2015). No que diz respeito ao sistema bancário Timorense, a informação disponível mostra que o mesmo se manteve estável e sólido, o que se traduz na manutenção de elevados níveis de liquidez e de provisões para riscos de crédito e na continuação de elevados níveis de crescimento dos activos bancários, que aumentaram 23,8% em 2016 para um total de 1.149 milhões de USD.

No exercício económico de 2016, as contas do BCTL indicam um resultado líquido positivo de 698 mil USD, gerado, essencialmente, por operações financeiras, nomeadamente da taxa de gestão do Fundo Petrolífero e de juros das aplicações efectuadas.

O BCTL continuou a trabalhar com o Ministério das Finanças, bem como com o Comité Assessoria para o Investimento do Fundo Petrolífero, de forma a manter uma posição activa e informada nas discussões continuadas sobre a estratégia de gestão do Fundo Petrolífero.

O Banco continua a manter a sua aposta forte na formação do pessoal, afectando recursos financeiros significativos para este fim. Isto tem-se reflectido positivamente na qualidade do trabalho desenvolvido na instituição, reconhecidamente uma das que melhor funciona no país.

Finalmente e como vem sendo usual, resta-me, como Governador do BCTL, agradecer a todos os funcionários do Banco Central, aos nossos parceiros de actividade ou interlocutores em vários momentos, que continuaram a contribuir activamente para a consolidação do Banco Central e o desenvolvimento económico do nosso País.



Abraão de Vasconcelos,
Governador

Dili, 28 de Abril de 2017